

# ITINERÂNCIA COMO PRÁXIS MISSIONÁRIA E CUIDADO PASTORAL<sup>1</sup>

*Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, mscs*

## 1. A Itinerância no Carisma Scalabriniano

A itinerância não se apresenta somente como um dos valores transversais da Congregação, ela nos **identifica à um estilo de vida** e de atuação próprios vinculados ao Carisma Scalabriniano, assim como, torna-se a base para uma **práxis de atenção e cuidado pastoral específicos**. Práxis sócio pastoral aqui compreendida como ação evangelizadora consciente, refletida e comprometida com a vida das pessoas que ocupam o centro dessa ação e dela participam com voz ativa (Zanini, Bregalda, 2024). Práxis que nasce da realidade concreta das pessoas migrantes e dos contextos históricos em que vivem. Essa realidade é iluminada pelo Evangelho e retorna a ela com força transformadora. Nossa práxis não se reduz a atividades ou rotinas que permeiam nossos serviços, mas integra “ação e reflexão”, “fé e vida”, “teoria e prática”, assumindo a escuta sensível dos “sinais dos tempos”, atenta aos clamores da história e a convicção de que “Deus age na vida cotidiana”, especialmente na vida dos migrantes e refugiados que abraçamos através de nossa ação (Zanini, Bregalda, 2024). Assim sendo, trata-se de uma práxis histórica (que se realiza no aqui e agora da humanidade que tocamos), “libertadora e humanizadora”, porque busca dignidade, justiça e cuidado, “espiritual”, porque é sustentada por uma mística do encontro, da escuta e da compaixão, e “missionária”, porque rompe com um tipo de ação de mera conservação e se coloca em atitude de saída;

Em nossa reflexão, hoje voltada especialmente à nossa atuação nos serviços da missão apostólica sócio pastoral junto a pessoas migrantes e refugiadas, vamos abordar a itinerância a partir da perspectiva da práxis missionária que resulta de um estilo próprio de ser e estar no mundo das migrações.

Se fizéssemos um recorrido sobre as narrativas advindas de nossas experiências de cuidado pastoral é possível que a itinerância pudesse ser tomada como um **padrão valorativo**, ou seja, um valor que nos permite comparar e distinguir outros valores, uma referência para a ação e avaliação, um indicador de nossa missão. Ao pensarmos em nossa atividade missionária sob a perspectiva da itinerância, em um primeiro plano temos a noção de “movimento”. Ou estávamos nós em movimento ou estávamos nós com pessoas que vivenciavam a experiência da mobilidade. Se olharmos mais detidamente para essa

---

<sup>1</sup> Texto elaborado para o Encontro do Serviço Sócio Pastoral (virtual) em 25/04/2026.

experiência, vamos perceber que a itinerância não se esgota no deslocamento físico, mas se constituiu como um “conjunto de vivências”. Então, este é o primeiro desafio. Tomar a itinerância em nossa práxis de cuidado e atenção pastoral não limitada à sua dimensão do deslocamento ou de movimento geográfico. A itinerância é movimento, mas não um movimento acidental, mecânico, vazio e isolado. Poderíamos dizer que a itinerância é um movimento que compreende esse conjunto de experiências que vamos mais à frente descrever como **práxis missionárias itinerantes**.

## **2. Itinerância, identidade e missionariedade**

A itinerância, sob a ótica da identidade, se apresenta como **parte do estilo próprio da irmã MSCS viver sua consagração e que se estende a todos aqueles que dele participam**. Essa convicção se sustenta no Carisma Scalabriniano no qual o Cristo Peregrino ocupa “o lugar teológico por excelência”. O carisma Scalabriniano, transmitido como dom a cada irmã MSCS e leigos, de acordo com nossas NC “imprime um **estilo peculiar de santificação e de apostolado, torna-nos capazes de contemplar as migrações na ótica da fé e de ver nos migrantes a imagem de Cristo Peregrino**: ‘Era peregrino e me acolhestes’. (Mt 25,35)”. O carisma interpela a irmã MSCS “a viver a acolhida e a solidariedade, a assumir a **itinerância apostólica** sendo ‘migrante com os migrantes’ e a testemunhar a comunhão na diversidade” (NC 03). Assim sendo, a itinerância, tomada como esse conjunto de vivências, marca a identidade da irmã MSCS, sua caminhada vocacional, e afeta coletivamente as modalidades de inserção pastoral da Congregação na Igreja e na sociedade.

Scalabrini, em uma de suas homilias, afirmava que Deus “Colocou na Igreja a sua graça, força profunda que lhe **imprime o movimento e a vida**” (Homilia de Páscoa, 1880 (AGS 3016/4)). A Graça, imprime movimento e vida. Poderíamos dizer nesse sentido que o Carisma Scalabriniano é parte da Graça de Deus da qual somos participantes e que continuamente imprimi “movimento e vida” à nossa missão.

Ao evidenciarmos que o Carisma Scalabriniano “imprime” em nós um “estilo peculiar de santificação e apostolado”, nos impelindo a abraçar a “itinerância apostólica” como “estilo de vida” reconhecemos essa marca identitária que define nosso modo de ser e agir em meio a tantas outras formas de presença da Igreja no mundo das migrações. O verbo “imprimir” descreve um tipo de ação forte, contundente e permanente de caracterizar, transformar, mudar algo a partir de uma ação. “Imprimir”, por exemplo, foi o verbo usado

para descrever a aliança que Deus estabeleceu com seu povo: “Porei minhas leis na mente deles e **as imprimirei em seus corações**; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.” (Hb 8, 10b). “Imprimir algo” significa deixar um sinal perene, uma marca em alguma coisa ou pessoa; fazer impressão no espírito, no coração, inspirar. Imprimir é deixar marcas. Na história de amor de Deus pela humanidade, o povo de Deus é descrito como um povo marcado, eleito, que traz impresso em seu coração os signos desse amor, a certeza de que Deus Peregrino os acompanha rumo à terra prometida. Essa experiência de eleição do povo de Deus é renovada em Jesus Cristo que imprimiu através de sua encarnação, de modo definitivo, a aliança de Amor de Deus para com toda a humanidade (Jo 1,14). A itinerância é algo que foi impresso em nossa identidade pessoal e coletiva.

São João Batista Scalabrini, em diversas ocasiões, recorreu à metáfora da impressão, como por exemplo, para indicar a necessidade de uma catequese consistente e coerente de iniciação à fé cristã na infância. “Sobre a cera mole se imprime facilmente a imagem de Deus, mas se exige o cinzel e são necessários esforços e tempo, para esculpi-la sobre o mármore.” (Scalabrini Voz Atual). A metáfora usada por Scalabrini pode ser útil também para pensarmos a itinerância como essa dimensão de nossa identidade que não deixa que nos tornemos como o mármore: duras, pesadas, fixas, difíceis. A itinerância nos ajuda a nos mantermos flexíveis o suficiente para que as experiências da missão sejam impressas como signos de nossa identidade missionária.

Scalabrini usou também a imagem da “impressão” para descrever uma experiência que lhe transformou, marcou sua vida e tornou-se a porta de entrada para o Espírito Santo no seu coração criando espaço para o Carisma do qual se tornou portador e propulsor:

Há vários anos, em Milão, fui expectador de uma cena **que deixou em meu espírito, uma impressão de profunda tristeza**. Passando pela estação, vi a vasta sala, os pórticos laterais e a praça adjacente invadidos por trezentos ou quatrocentos indivíduos, vestidos pobremente, divididos em diversos grupos. Em suas faces bronzeadas pelo sol, **sulcadas por rugas precoces que a privação costuma imprimir**, transparecia o tumulto dos afetos que agitavam seus corações, naquele momento. (Scalabrini Voz Atual).

As impressões deixadas pela realidade, daquelas pessoas curvadas de dor e incertezas, no coração de Scalabrini se tornaram possíveis porque este foi capaz de abandonar o lugar ordinário de sua missão apostólica como bispo e assumir uma **práxis missionária** inspirada no estilo de Jesus. Scalabrini se moveu até a estação, foi ao encontro da realidade e lá viu, ouviu, cheirou, tocou a “carne de Cristo”. Deixou-se “mover” por esse

conjunto de experiências. Scalabrini imprimiu assim, no coração do Carisma Scalabriniano, a itinerância como uma de suas características identitárias mais marcantes. Essa se consolidou como um estilo de vida e parte da identidade daquelas e daqueles que, depois dele, abraçaram o mesmo carisma. O mesmo, podemos dizer de Madre Assunta e de Pe. Marchetti. Ambos eram missionários das andanças, das caminhadas, das longas estradas, dos mares abertos, das longas cavalgadas, viagens de trem. Todas essas, traduzidas como um conjunto de experiências que fazem sentido para nós quando tomadas como parte de nossa identidade. Somos nós aqui, neste momento mulheres (e homens) de longas caminhadas! Scalabrini, Assunta e José imprimiram em seus corações um desejo e vontade incontidos de viver em caminho, em movimento, pois era nessa condição que podiam ocupar o lugar mais privilegiado possível: o coração do Cristo, feito migrante.

Sendo assim, quando relacionamos a itinerância (tomada como um conjunto de vivências) e a identidade, estamos considerando a força que o *Carisma Scalabriniano imprime* em nosso **estilo peculiar de santificação e apostolado**. E se a itinerância é tomada “**à quente**”, como esse conjunto de vivências então podemos afirmar que: a) não está dada de antemão, mas que se constrói e consolida à medida que se realiza. B) é fruto da Graça, é o ES que pela fé age em nossa história e desenha o estilo próprio de nossa missionariedade adequado aos desafios do presente;

A itinerância configura-se como fonte de uma **práxis apostólico-missionária** emanada do Carisma Scalabriniano, perceptível no histórico de presenças missionárias da Congregação MSCS em diferentes contextos (saúde, educação, catequese, pastoral) e períodos de sua história. **Pode ser tomada como valor impresso no coração da VRC-MSCS e que move um “estilo próprio” de missionariedade na/da Igreja junto às pessoas mais vulnerabilizadas em seus serviços.**

A experiência da itinerância integra a vida espiritual das consagradas e leigos, envolve as relações cotidianas e a vida prática das comunidades e serviços chamados também esses a ser itinerantes. Apresenta-se como principal característica do apostolado que as irmãs MSCS e leigos assumem nos diversos contextos em que se inserem, não podendo, portanto, ser resumida à prática rotineira da obediência às transferências de funções e comunidades. Ou seja, a itinerância integra o estilo missionário que identifica a presença das irmãs MSCS e que se move junto com os demais valores: acolhida, comunhão na diversidade, esperança, consciência ecológica, conferindo “fidelidade dinâmica ao

Carisma Scalabriniano” (cf. NC 116). Dito isso, poderíamos então indagar sobre quais seriam então essas práxis que nos acompanham na missão de cuidado das pessoas migrantes.

### **3. A itinerância como práxis missionária itinerante de conversão e cuidado pastoral: movimento, encontro, escuta e convivência**

No contexto desta reflexão, denominamos de **práxis missionárias itinerantes** o conjunto de experiências orientadas pelo princípio da itinerância como parte do dom carismático MSCS, vividas pelas irmãs MSCS e leigos que integram as presenças missionárias junto a pessoas migrantes e refugiadas, mas que também se estendem à presença em outros serviços como o da educação e da saúde. Podemos remeter as **práxis missionárias itinerantes** à trajetória da Congregação MSCS. É importante dizer que tais práxis não representam um conjunto fechado de modos de operar e ser presença junto aos destinatários da Missão, mas configuram-se como vivências e “práticas orientadas” pelos princípios do Carisma, que foram se adaptando e transformando ao longo do tempo e dos contextos históricos (multiculturais e geograficamente dispersos), sempre em vista a dar respostas aos desafios da missão apostólico-missionária. *Como temos experienciado a itinerância onde estamos? Onde percebemos nessas experiências a nossa especificidade de atuação?*

Considerando a diversidade de experiências, gostaria de a seguir, apresentar algumas características do que sugerimos ser práxis missionárias itinerantes. Olhando para a ação pastoral de J. B. Scalabrini, que assumiu uma agenda extensa de visitas pastorais aos emigrados italianos no exterior como **um dos modos de operar um tipo específico de cuidado pastoral** junto a esses, assim como, se nos determos nas características de atuação e de cuidado pastoral exercidos pelas irmãs MSCS que consolidaram ao longo da história da Congregação na sua vocação e carisma missionário “com os migrantes”, é possível dizer que foram colocadas em curso **práxis de cuidado pastoral**, entre as quais aquelas que poderíamos dizer **orientadas pela itinerância**. Essas práticas constituem modos importantes de atuação pastoral-missionária que irmãs MSCS exerceram no passado, e que continuam a exercer no presente, em diferentes contextos.

Em nossas experiências de missão o mover-se, o sair, o deslocar-se, o **desalojar-se de locais mais estáveis e habituais de missão (não apenas geograficamente)** representa um modo de ser/atuar/cuidar das pessoas em situação de mobilidade forçada, extremamente vulnerabilizadas e em territórios periféricos. Esses

movimentos/deslocamentos, ou em outras palavras, o fato de **estar in itinere**, se apresenta como um modo específico de exercer/operacionalizar o cuidado (Lemke, 2011), perpassado por uma ética do cuidado, favorecida pelo ato de itinerância.

A Congregação nasceu animada pelo princípio de “ser/fazer-se migrantes com os migrantes” como um ponto forte da experiência missionária. O movimento de colocar-se a caminho também representa, um convite à conversão pessoal e comunitária, à abertura para o encontro com pessoas e comunidades migrantes. **O movimento de deslocar-se favorecido pela nossa missão expressa um modo de vivência concreta da itinerância** como experiência e configura-se como uma via de mão dupla. O ato de mover-se para um *determinado local* implica a expectativa do encontro, o que torna esse movimento um **ato orientado**. Encontros com pessoas em situação de extrema precariedade, falta de reconhecimento, negação de direitos básicos, se concretiza como uma forte experiência. Da itinerância advém o “encontro” como uma práxis itinerante. O exercício do encontro alimenta a vocação Scalabriniana. O encontro que não é aleatório, ocasional ou acidental, mas deliberado, planejado, constituindo-se ele mesmo parte de um tipo de atuação pastoral específico.

Junto à prática do encontro, pelo qual irmãos e leigos inseridos nos serviços vivem a experiência de não caminhar sozinhas (os) temos o grande desafio da prática da **“escuta pastoral atenta”**. A escuta **abre espaços existenciais** que nos dão pela fé a certeza de que “não estamos sós” e que nas fragilidades daqueles que encontramos e escutamos também estão nossas próprias debilidades. A empatia que se abre pela abertura e disposição de escuta, é vivenciada como um caminho de consciência para a nossa “pequenez” e fragilidade e ao mesmo tempo marca um estilo de atuação.

**Mover-se, encontrar-se, escutar** formam esse conjunto de vivências orientadas pela itinerância que localizamos como **práxis missionária e de cuidado pastoral**. Essas vivências favorecem outra significativa forma de atuação: **a convivência**. Conviver com os migrantes, fazer parte de seu cotidiano em situações de extrema vulnerabilidade traz possibilidade de trocas de experiências, aprendizados, oportunidades de releitura pela fé das próprias formas de relacionar-se no mundo e dele fazer parte. Possibilita o surgimento de novas sensibilidades e percepções da realidade.

A experiência de convivência nos provoca a novas “atitudes e formas de ser e estar”, de ser “presença de esperança”, presenças inteiras, de conforto, alívio, ser porto, lugar de

alento, descanso. Não podemos esquecer que a presença pode ser exercida como um tipo de trabalho, uma “tecnologia leve de cuidado. **Nossa práxis é aquela da “Igreja em saída”**, portanto, em íntima relação e **compromisso com a caminhada sinodal do povo de Deus nos locais onde se desenvolve.**

Por fim, dessa práxis missionária e de cuidado orientada pela itinerância como um conjunto de experiências, brota a intimidade com Cristo Peregrino. Esta torna-se assim uma “intimidade itinerante”: *“A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão «reveste essencialmente a forma de comunhão missionária».* *Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém;* (EG 23)

## **ORAÇÃO AO CRIADOR<sup>2</sup>**

Senhor e Pai da humanidade,  
que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade, infundi nos nossos corações um espírito fraterno.  
Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz.  
Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra a todos os povos e nações da terra, para reconhecer o bem e a beleza  
que semeastes em cada um deles,  
para estabelecer laços de unidade, de projetos comuns,  
de esperanças compartilhadas. Amém.

## **Bibliografia**

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano: Santa Sé, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

FRANCISCO. *Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano: Santa Sé, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html).

LEMKE, Ruben Artur; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Um estudo sobre a itinerância como estratégia de cuidado no contexto das políticas públicas de saúde**

---

<sup>2</sup> \*Extraída da carta ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI DE PAPA FRANCISCO SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL

**no Brasil.** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 979-1004, 2011.

IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS.  
Normas Constitucionais.

ZANINI, Rogério L.; BREGALDA, Regiano. Contexto, realidade e o planejamento na práxis pastoral. **Estudos de Religião**, v. 38, n. 3, p. 290-314, set./dez. 2024.